

18 JAN 1995

Dom Lucas Moreira Neves

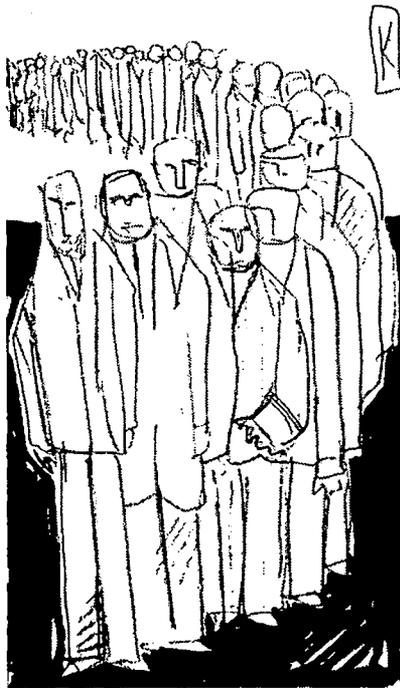
Minha antiga intimidade com o latim e os latinos, poetas e oradores, há muito que foi desfeita pelas agruras do pastoreio. Já não dá nem para evocar espontaneamente os mais belos versos e tiradas de cada um. Qual foi, por exemplo, o que falou da *vox rerum*?

Ele queria dizer, naturalmente, que não existe somente a voz humana, há também a voz das coisas. Os seres animados e inanimados têm voz e falam, à sua maneira. A natureza tem voz. E têm voz, voz que pode ser forte e contundente, os fatos e os acontecimentos — não só os excepcionais, de grande impacto, mas também os cotidianos.

Afirmo que têm voz — e falam, e clamam, e bradam — também as longas e morosas filas que vemos retratadas nos jornais escritos ou televisivos. E, nestes últimos dias, as filas que mais impressionam não são as que se formam à frente das mercearias; nem mesmo as que se estendem onde quer que se ofereça trabalho ou emprego. São as que se vêem defronte de escolas públicas em numerosas capitais e grandes cidades de vários estados. Essas filas, embora silenciosas, falam com um tom peculiar e com inquietante eloquência.

Não se sabe o que é mais doloroso nessas filas: o imenso sacrifício físico de pais e mães que passam ao relento noites e madrugadas a fim de garantir um dos primeiros lugares quando se abrirem (se se abrirem) os guichês, de manhã? Ou a absurda humilhação de estarem mendigando, na fila, um direito líquido das crianças e dos pais? O fato positivo da perseverança e teimosia com que os pais e responsáveis entram até em duas ou três dessas filas até conseguir a suspirada vaga (coisa que, talvez, não sucederia em outros tempos)? Ou a tristeza e a indignação de registrar que, apesar da perseverança, a vaga não houve e a criança vai ter que passar mais um ano de ociosidade, à espera do ano que vem?

A eloquência dessas filas lança uma precisa denúncia. Ela diz a nós brasileiros, mas diz também aos de fora do Brasil, vizinhos ou longín-



quos, que as administrações e governos passados, apesar das melhores intenções, não foram capazes de formular uma política educacional eficaz e dotada de toda a infraestrutura indispensável para garantir escola, instrução e educação gratuita para todos. A voz muda e paradoxalmente eloquente das filas diz também que resta muito a fazer nos planos e projetos do ministério e das secretarias estaduais e municipais de Educação, nos conselhos técnicos, nos departamentos regionais, para solucionar o escândalo das próprias filas.

A simples existência dessas filas é tanto mais aflitiva por se tratar de matéria absolutamente fundamental e prioritária neste país. Pessoalmente, não tenho perdido ocasião alguma de afirmar minha convicção: sem negar a urgência da “campanha contra a fome e a miséria e pela vida”, da luta em favor do “trabalho e salário digno para todos” e de “tirar a saúde da UTI em que se encontra”, a educação continua a ser prioridade absoluta na vida da nação. Deve ser, portanto, prioridade absoluta nos planos de um governo

que começa cercado de credibilidade e confiança por dar mostras de sinceridade e lisura. As filas clamam, de modo ordeiro e até resignado (sem ser acomodado), que o “Brasil que nós queremos” exige escolas para todos com qualidade de ensino; com salário decente para os professores; com alfabetização, ensino básico e educação profissionalizante como base para um programa operante de formação de 2º Grau e universitária, pós-graduação e educação técnico-científica.

As sacrificadas, quase heróicas, filas diante das escolas públicas são, finalmente, um desafio e uma interpelação às redes de ensino público. Eu diria que elas empurram o poder público em todos os níveis e os seus melhores assessores para diante de uma esfinge que lhes diz com certo esgar: “Decifrai-me ou vos devoro!” De fato, a educação nacional — para todos — é a exigência número 1. Sem ela não haverá verdadeiras políticas de saúde, de moradia, de trabalho e de salário. Não haverá autêntica cidadania. Não haverá a estabilidade econômica e financeira, que foi a pedra-de-toque da mobilização eleitoral de outubro. Não haverá nem promoção humana nem libertação nem revolução.

Ninguém, nem governo nem povo, pode se acostumar (se acomodar) ao peşadelo e à imoralidade das filas às portas das nossas escolas. Elas precisam acabar porque ofendem a dignidade não só de quem está nelas mas, ainda mais, de quem as permite. Somos, pois, todos convocados e recrutados para um verdadeiro combate, uma cruzada, no campo da educação. O importante é que ninguém falte; que se trabalhe em harmonia; que o novo seja aceito não só nem tanto como novo mas como rápido e eficaz.

A batalha da educação não será vencida definitivamente hoje ou amanhã. É ainda longa. Mas não é impossível começar por esvaziar essas filas. Sob pena de sermos fulminados por sua eloquência.

Dom Lucas Moreira Neves é cardeal-prímaz do Brasil